

Troca-troca de insultos

Os ânimos estiveram exaltados durante todo o depoimento do presidente do Banco Central.

O deputado Milton Temer (PT-RJ) discutiu várias vezes com o vice-líder do governo na Câmara, Arthur Virgílio Neto, a quem chamou de “subalterno e capacho do Executivo”.

A baixaria estava apenas começando. Virgílio Neto revidou, afirmando que “Temer foge como frango do debate”.

Pilhas de documentos e recortes de jornais cobriam as mesas do plenário. Eram instrumentos para fundamentar as perguntas a Loyola. Mas isso não garantiu que as intervenções não fossem também carregadas de emoção e ataques pessoais.

Temer disse que o presidente do Banco Central era um funcionário de segundo escalão do governo e que estava ocupando mais tempo em suas exposições e respostas do que os deputados e senadores.

Esqueceu-se de que Loyola foi convocado pelos próprios parlamentares e justamente para falar a eles.

Ofensa — A deputada Maria da Conceição Tavares (PT-RJ) começou sua intervenção atacando Loyola. Disse que não o respeitava mais profissionalmente. E o advertiu ao fazer as perguntas.

Depois discutiu, em frente às câmaras de TV, com o diretor de Assuntos Econômicos do BC, Francisco Lopes, sobre os números do ba-

lão do Banco Central. “Não vou discutir com você em frente das câmaras”, esquivou-se Lopes.

Um dos bate-bocas mais acalorados dividiu dois parlamentares do mesmo partido: o líder do PMDB no Senado, Jáder Barbalho, e o deputado Gonzaga Motta, presidente da Comissão de Fiscalização da Câmara.

Jáder não concordou com a ordem dos inscritos para falar e acabou retirando-se do plenário. “Vou me retirar de uma comissão conduzida por um despreparado”.

Insultos — Do lado de fora, continuou insultando o colega de partido, tratado como “bestalhão e analfabeto”. Motta soube dos ataques. Não deixou por menos: “É um imbecil, um idiota, que só quer aparecer”.

Motta protagonizou outra discussão com o senador Waldeck Ornelas (PFL-BA) e acabou lhe cassando a palavra, também num debate sobre a ordem de inscritos.

Nas galerias lotadas, havia gente torcendo para o clima esquentar cada vez mais. Representante do Sindicato Nacional dos Professores Universitários, uma senhora, assistia a todos os lances com o maior interesse.

“Se o assunto descambar para uma CPI, é muito melhor para nós. A votação da reforma da Previdência será adiada e ganhamos tempo”, explicou ela sem se identificar. (RP)